

A DISTINÇÃO DO AUTISMO

A DISTINÇÃO DO AUTISMO

Rosine e Robert Lefort

TRADUÇÃO

Ana Lydia Santiago

Cristina Vidigal



© Relicário Edições
© Rosine e Robert Lefort

CIP –Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

L494d

Lefort, Rosine

A distinção do autismo / Rosine Lefort e Robert Lefort; Tradução Ana Lydia Santiago e Cristina Vidigal. – [1.ed]. - Belo Horizonte : Relicário Edições, 2017.

188 p. (Coleção BIP – Biblioteca do Instituto de Psicanálise)

Inclui notas

ISBN: 978-85-66786-63-7

1. Autismo – Tratamento - França. 2. Crianças autistas. 3. Psicanálise - França. I. Santiago, Ana Lydia. II. Título.

CDD 618.928982

COLEÇÃO BIP – BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE
DIREÇÃO Ana Lydia Santiago

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Beneti

Elisa Alvarenga

Francisco Paes Barreto

Sérgio Laia

COORDENAÇÃO EDITORIAL Máira Nassif Passos

CAPA Ana C. Bahia

DIAGRAMAÇÃO Ana C. Bahia

REVISÃO Lucas Morais e Pedro Furtado

RELICÁRIO EDIÇÕES

www.relicarioedicoes.com

contato@relicarioedicoes.com

SUMÁRIO

Apresentação 7

Introdução 11

- I. **MARIE-FRANÇOISE: O autismo infantil primário precoce 13**
- II. **KANNER E ASPERGER: As fontes 41**
- III. **AUTISMO, ESQUIZOFRENIA E PSICOSE: Distinções 49**
- IV. **TEMPLE GRANDIN: Encontrar realmente seu corpo 55**
- V. **DONNA WILLIAMS: O gozo iminente do outro 63**
- VI. **BIRGER SELLIN: O forçamento em vão da entrada na linguagem 69**
- VII. **O AUTISMO ADULTO: A estrutura 73**
- VIII. **EDGAR ALLAN POE: Autismo e poesia – “A Carta Roubada” – autodestruição 81**
- IX. **FIÓDOR DOSTOIÉVSKI: Pulsão de morte – comicialidade – assassinato da mãe 93**
- X. **LAUTRÉAMONT: A animalidade 103**
- XI. **O PRESIDENTE WILSON: Ser o duplo do pai 117**
- XII. **BLAISE PASCAL: A genialidade – discurso científico e discurso religioso 131**
- XIII. **MARCEL PROUST: O Estilo do Autista 149**

Posfácio 169

Notas 173

APRESENTAÇÃO

Rosine Lefort e Robert Lefort, alunos de Jacques Lacan e autores deste livro, são reconhecidos pela prática da psicanálise com crianças bem pequenas, recolhidas em instituições públicas por motivo de rejeição ou maus-tratos e carentes em todos os sentidos. Para essas crianças, os Lefort abriram a via do discurso analítico, orientados, de forma inédita, para o real.¹

Privilegiar o real no tratamento de crianças marca o fim de um viés característico da prática clínica do final dos anos de 1950, em que o privilégio recaía sobre “a função do imaginário, ou mais diretamente das fantasias na técnica da experiência e na constituição do objeto nas diferentes etapas do desenvolvimento psíquico”² Com base na leitura de Jacques-Alain Miller do último ensino de Lacan, que destaca modalidades novas de enlaçamento entre real, simbólico e imaginário, essa abordagem clínica também difunde uma prática que aposta no encontro de um sujeito com um analista e na criação de um laço sob transferência. A transmissão dos Lefort, em decorrência de seus estudos, pesquisas e seminários, vem inspirando muitos analistas desde o início dos anos de 1980 por se constituírem como uma demonstração da orientação ética de Lacan, segundo a qual o analista não deve recuar diante da psicose, e, ainda neste início do século XXI, segue sendo uma referência básica, quando o real da psicose passa a ser abordado privilegiadamente por meio do autismo.

Em 1987, Rosine e Robert Lefort estiveram em Belo Horizonte a convite de Antônio Beneti, então diretor do Simpósio do Campo Freudiano (SCF),³ para inaugurar as atividades do Cirandas - Núcleo

de Pesquisa em Psicanálise com Crianças. Na época, contavam-se cinco anos da fundação do Centre de Recherche sur l'Enfant dans le Discours Analytique (Cereda), que surgiu do trabalho de um cartel integrado, além de por eles próprios, por Jacques-Alain Miller, Judith Miller e Éric Laurent, com o objetivo de dar à psicanálise com crianças seu devido lugar no Campo Freudiano. A fundação do Cereda, nome proposto por Judith Miller, encontrou plena adesão na comunidade analítica, o que, segundo Rosine, veio reforçar a ideia de que essa iniciativa dava expressão a algo que já estava posto:

Em vez de uma abordagem das crianças sob o ângulo dos estágios que devem normalmente se suceder, a prática nos ensinou que a questão central seria sobretudo a do enodamento do simbólico, do imaginário e do real e de suas modalidades. É preciso retomar a psicanálise com crianças, nesse nível, que constitui um mínimo.⁴

Era preciso retomar a psicanálise com crianças neste nível mínimo, em que o corpo se mostra de maneira privilegiada como um corpo de significantes. Significantes por certo, mas em que o real tem todo um lugar a partir do objeto *a* e, se o sujeito aparece como um efeito de real, isso acontece é nas crianças.⁵

O cartel fundador do Cereda foi responsável pela coordenação de diversas atividades de investigação teórica e clínica nesse domínio e, sobretudo, pela defesa, no Campo Freudiano, de uma Unidade de Psicanálise para a prática com crianças. Pela afirmação, defende-se que “a criança é um analisante em plenos direitos”.⁶ Ou seja: “Não há especificidade na psicanálise com crianças. A estrutura, o significante e a relação com o Outro não concernem de maneira diferente à criança e ao adulto”.⁷ É isso que faz a Unidade de Psicanálise.

Nessa perspectiva, os objetos olhar e voz adquirem importância destacada e situam-se não

[...] na perspectiva do estágio; trata-se de recorrer ao objeto pulsional, ao objeto *a*, cuja promoção faz a alteridade do Outro. O que procuramos é o

surgimento de algo que funda a relação do sujeito ao Outro e as psicoses infantis nos indicam um insucesso em relação ao objeto *a* primordial; e é certo que esse insucesso tem relação com o objeto olhar e voz.⁸

Em Belo Horizonte, os Lefort foram recebidos por Ana Lydia Santiago e Cristina Vidigal, tradutoras da presente obra, que integravam o cartel de coordenação do Cirandas, primeiro grupo na capital mineira a assumir a orientação lacaniana para discutir a prática clínica com crianças e a se filiar ao Cereda.⁹ Nessa ocasião, o seminário que os Lefort proferiram pautou-se por *O nascimento do Outro*,¹⁰ livro que, nas palavras de Judith Miller,

[...] não deixou de esclarecer aos praticantes que consentem em se interrogar sobre a responsabilidade que assumem quando estão em posição de tratar crianças cujas dificuldades são tidas por insuportáveis, e a levar em conta o sofrimento que o Outro pode gerar nessas crianças.¹¹

Nessa obra, pode-se acompanhar em detalhes o tratamento de Marie-Françoise, uma menina que vivia na instituição Parent de Rosan¹² e para quem a equipe clínica havia proposto a hipótese diagnóstica de esquizofrenia infantil ou de autismo. Ela estava com 30 meses de idade, quando Rosine decidiu assumir seu tratamento e defendeu a estrutura do autismo infantil primário precoce, em que não há o “halo (...) do organismo”, segundo indicação de Lacan no *Seminário 16, De um Outro ao outro* – ou seja, aquilo que faz com que “a criança [saiba] que há um organismo no exterior que vai lhe trazer o que lhe é necessário a seu próprio organismo”.¹³ As mães de autistas o testemunham: “Ele não pede a mamadeira; se eu não penso nisso, ele não pensaria”. É o que destaca Rosine, para esclarecer que, na estrutura autística, “a criança encontra-se na morte, permanece em um organismo envelopado sobre si mesmo, sem duplo, sem desencadeamento de um apelo”.¹⁴

Marie-Françoise não falava, seu olhar mostrava-se vazio na presença de adultos, não estabelecia contato algum, nem com outras crianças, não apreendia objetos.¹⁵ De sua história, sabia-se apenas que

tinha sido abandonada pela mãe com a idade de dois meses, quando, entregue à Assistência Pública, passou a viver na creche. Seu estado de saúde era preocupante e exigia hospitalizações recorrentes. Entre 10 meses e 12 meses, foi alocada em uma família para ser amamentada. Rosine aprendeu com Marie-Françoise que “não há Outro” na estrutura autística. Eis a proposição que está no cerne do percurso em *A distinção do autismo* (2003): de Marie-Françoise a Marcel Proust, passando por Edgar Allan Poe, Dostoiévski, Lautréamont e Blaise Pascal, explicita-se a incidência do gozo do Um sobre o sujeito autista, para quem não há Outro.

O Outro “constitui um lugar para a criança, o pequeno sujeito, aquele do significante, da palavra, do objeto do qual este sujeito o faz portador, em suma, o lugar da dialética da linguagem”.¹⁶ Na ausência desse Outro, o autista encontra um duplo em cada semelhante, em cada outro, concluem os Lefort, e o maior perigo disso consiste na iminência de seu gozo e na necessidade de se aniquilar, nesse Outro, a parte que a linguagem não elimina com vistas a se fundar uma relação ao Outro esvaziada de gozo: “Essa necessidade é a fonte da exaltação pulsional do autista, ou seja, a destruição/autodestruição, como satisfação/gozo de uma única pulsão, a pulsão de morte.”¹⁷

A questão evocada por Rosine e Robert Lefort, a partir de casos de autistas eruditos da literatura – conhecidos como “*Asperger*” –, vai na mesma direção: uma “estrutura autista”, destacada por meio de elementos estruturais claramente reconhecíveis. Nesses quadros clínicos, destaca-se certa articulação entre a linguagem e o corpo, mediante regras sábias: “Há uma resposta do autista ao real, em que ele encontra sua máscara: fazer o vazio.” Em cada caso, pode-se verificar se o modo de organização desse vazio passa pela arte, pela religião ou pela ciência.

Ana Lydiá Santiago